

ALERTA

Os 35 mil moradores da Estrutural vivem em meio a 126 pontos perigosos, levantados pela Defesa Civil. Entre eles, erosões, áreas de alagamento e pequenos comércios ilegais de gás e gasolina

Invasão de risco

CECÍLIA BRANDIM
DA EQUIPE DO CORREIO

Enquanto não são resolvidos os problemas fundiários e urbanísticos da Estrutural, os 35 mil moradores da segunda maior invasão do Distrito Federal se organizam para minimizar as ameaças do lugar onde tudo é construído na base do improviso. Levantamento feito por agentes comunitários voluntários da Defesa Civil e concluído em outubro aponta 126 pontos vulneráveis ou de risco na área.

O estado crítico se revela nas seguidas ocorrências de incêndios e alagamentos, que deixam moradores desabrigados e transformam barracos de madeira em pó. Só este ano, pelo menos nove moradias pegaram fogo. No último dia 10, a chuva forte provocou o rompimento de um fio de alta tensão, que caiu sobre o telhado de uma casa. Vários barracos foram destelhados com a força do vento.

As vezes, os próprios moradores colocam os familiares em perigo. É o caso da dona-de-casa Terezinha Zacarias dos Santos, 37 anos, e seus familiares, que moram na quadra 16, em um barraco de 20 metros quadrados. A

“PELA QUANTIDADE DE GENTE QUE VIVE NAQUELE LOCAL, A ESTRUTURAL É A COMUNIDADE QUE VIVE AS CONDIÇÕES MAIS CRÍTICAS DO DF”

Nilo de Abreu, subsecretário de Defesa Civil

ligações clandestinas.

O destino do esgoto é a fossa negra, cavada próxima ao muro, que transborda com as chuvas e leva para as ruas os dejetos. “A gente vai tentando ajeitar, abrindo valas na lateral de casa, mas não tem muito o que fazer. Morro de medo de um curto-circuito”, conta Terezinha. O pequeno Miquéias, quatro anos, filho da dona-de-casa, foi vítima de um choque, em um descuido dos pais. “Pensei que ele ia morrer”, lembra a mãe. A sorte do garoto não foi a mesma de outros moradores. “Vimos muitas pessoas morrerem eletrocutadas por conta das gambiarras”, afirma o agente voluntário da Defesa Civil, Gilmar Conceição da Silva, 34, morador da invasão.

Barreiras

A fiação é uma das causas dos incêndios nos barracos. Mas quando o fogo começa, a comunidade fica sem ter a quem recorrer. Não há posto do Corpo de Bombeiros na Estrutural. A espera pelo socorro ainda é mais longa porque os veículos de grande porte têm dificuldades de deslocamento. As ruas são estreitas, algumas com menos de 4 m de largura, e sem asfalto. E quando chove, o trânsito é interrompido em 30

endereços, de acordo com a Defesa Civil. São os pontos de inundação, onde as ruas viram lama e as erosões se abrem. “Pela quantidade de gente que vive naquele local, a Estrutural é a comunidade que vive as condições mais críticas do DF”, avalia o subsecretário de Defesa Civil, Nilo de Abreu. A invasão não tem escoamento de água da chuva e do esgoto.

Os moradores estão expostos também às doenças. Segundo a Defesa Civil, a invasão está

MAPA DO PERIGO

A invasão da Estrutural apresenta 126 pontos de risco aos 35 mil moradores. São erosões, postos de venda de gás e de fogos de artifícios, entre outros



tomada por ratos, baratas, pulgas, carrapatos, moscas e insetos, em função da enorme concentração de catadores de lixo, que trabalham no aterro do Jóquei, o lixão. “Não adianta limpar nada, lá em casa os ratos sobem no fogão”, lamenta Márcia Galvão de Souza, 24, moradora da quadra 17. Entre uma casa e outra, a Defesa Civil ainda encontrou ameaças mais graves. Doze pequenos estabelecimentos vendem gás de cozinha

ilegalmente. Os botijões são transportados na garupa de motos e distribuídos para toda a invasão. A venda de artigos explosivos como fogos de artifícios e de produtos químicos, como água sanitária caseira, também está espalhado pelas 17 quadras da Estrutural. Há 27 comércios desse tipo, segundo o levantamento. Em pelo menos três lotes da região do Setor de Oficinas, área informal próxima à Cidade do Automóvel,

existe o risco de uma grande tragédia. São os endereços de três carvoarias clandestinas, onde a queima de madeira ocorre indiscriminadamente. “Os carvoeiros somem, deixam tudo queimando e nós não conseguimos saber quem são”, afirma Souza. Entre os barracos, 24 correm risco de desabar. Principalmente os que estão nos pontos de erosão. A área especial das quadras 1 e 2, que fica em frente à rodovia

DF-095 e às margens do poliduto da Petrobras, é uma das mais ameaçadas. Na temporada de chuvas de 2003, a água correu com tanta força em direção ao poliduto, que o canal, instalado a mais de dois metros de profundidade, ficou à mostra. Depois disso, a estatal construiu um sistema de proteção e sinalizou o trecho que passa perto da invasão, transportando milhões de metros cúbicos de derivados de petróleo.